

A FERIDA ABERTA DOS FUNDAMENTOS: UMA REVOLUÇÃO POR CUMPRIR

Pedro Luiz Ribeiro de Santi

La révolution copernicienne inachevée, Jean Laplanche
France, Aubier, 1992, 486 pp.

O livro contém uma coletânea de artigos escritos entre 1967 e 1992, publicados anteriormente em diversas revistas. Oito de seus 29 trabalhos estão incluídos numa coletânea editada no Brasil com o título de *Teoria da sedução generalizada* (Porto Alegre, Artes Médicas, 1988).

Na apresentação, Laplanche diz que estes artigos constituem um contraponto a seus livros publicados no período; ele evoca a imagem da espiral, sempre presente em seu pensamento, ou seja, retomar determinados pontos problemáticos em níveis diferenciados. A tentativa, através dos textos, é sempre a reabertura da brecha original, sem a qual a psicanálise se tornaria "uma pobre e obsoleta engenharia da alma".

A quantidade, variedade e densidade dos artigos são tais, que uma resenha cuidadosa acabaria por se transformar em dissertação – o que não deixa de ser uma idéia sedutora, mas não neste momento. Os temas passam pela apresentação da teoria da sedução generalizada e por explorações do masoquismo na constituição da subjetividade; por reflexões bastante originais sobre a pena de morte, articulando a pulsão, a lei, a angústia e a culpabilidade; por questões epistemológicas da psicanálise, tratando

quer de temas teóricos, quer de debates clássicos com o estruturalismo ou da eterna discussão sobre a hermenêutica. Os temas mais novos e instigantes, no entanto, giram em torno das relações entre psicanálise e história e de questões referentes à temporalidade e à tradução.

O trabalho recente que dá o nome à coletânea, 'A revolução copernicana inacabada', abre o livro (de resto organizado cronologicamente) e fornece uma espécie de fio condutor da reflexão de Laplanche.

O ponto inicial é a afirmação de Freud de que a psicanálise teria infligido uma ferida narcísica ao homem quando aponta a dimensão inconsciente de sua alma, da mesma forma que Copérnico o teria feito postulando o heliocentrismo ao invés do geocentrismo.

Laplanche se propõe a refletir sobre esta afirmação. Em primeiro lugar, discute o sentido da revolução copernicana: o alcance do deslocamento operado por ela não se restringe à astronomia, o que está em jogo é uma questão epistemológica, a da 'centração'. O heliocentrismo conduziria à percepção da imensidão e infinitude do universo e, em última instância, à idéia de ausência de centro. Isto teria um efeito arrasador em

qualquer forma de pensamento que tomasse o homem como centro pois "... afirma implicitamente que o homem de forma alguma é a medida de todas as coisas" – e levaria à concepção de que o progresso do conhecimento seria indefinido. Levar esta revolução às últimas conseqüências seria uma tarefa talvez impossível; Laplanche faz uma breve exposição recapitulando como a questão do centramento aparece em autores como Kant, Husserl, Merleau-Ponty e Marr, um lingüista russo.

Volta-se então para a revolução copernicana de Freud. A idéia básica é a de que há de fato uma revolução copernicana, mas que esta sofre diversos e constantes recuos ou desvios na psicanálise: Freud seria seu próprio Copérnico, mas também seu próprio Ptolomeu.

A dimensão copernicana seria a descoberta do inconsciente e da sedução. A importância do inconsciente é a de que, justamente, ele não seria nosso centro, mas centro excentrado (*excentré*); a teoria da sedução seria parte essencial deste movimento, pois constitui o inconsciente em sua *estranheiridade (étrangèreté)*.

A dimensão ptolomaica estaria expressa nas tentativas de 'recentramento' e de abafar a radicalidade da descoberta: o centramento do sujeito sobre o id, compreendido como origem.

Estas duas dimensões estariam expressas no episódio, clássico na história da psicanálise, do abandono da teoria da sedução em 1897. Retorna aqui a imagem da espiral, haveria uma alternância entre as visões copernicanas e ptolomaicas, muitas vezes trazendo aprofundamentos.

Desenvolvendo mais a questão, Laplanche trabalha a idéia de que durante boa parte da

obra de Freud o inconsciente teria sido considerado como idêntico ao reprimido, não sendo assim originário em si, mas tornado originário. O conteúdo do inconsciente é sexual e o sentido mais expressivo disto seria o de que a sexualidade remeteria diretamente à questão do outro. A questão essencial é que o descentramento é duplo: a *outra-coisa (das Andere)* que é o inconsciente remete, em sua alteridade, à *outra-pessoa (der Andere)*. Esta seria a articulação com a sedução, entendida como o confronto da criança com o universo do adulto, em sua *estranheiridade*; o trauma seria o agente provocador, que implanta um corpo estranho interno – a reminiscência –, neste sentido o inconsciente seria 'o estranho em mim'.

Segundo Laplanche, Freud não levou às últimas conseqüências o problema colocado pela existência da outra pessoa, pois teria lhe faltado a noção de mensagem. Diante desta dificuldade e da impossibilidade clínica de reintegrar totalmente o inconsciente, ele passou a procurar a fonte das fantasias em outro lugar: pela categoria de posterioridade, colocou-se a idéia da *fantasia retroativa*; e pela de anterioridade, voltou-se à idéia da *transmissão hereditária*.

A questão da hereditariedade (filogênese) leva Laplanche a lembrar que o trabalho de Darwin também é considerado por Freud como uma revolução copernicana, produzindo igualmente uma ferida narcísica no homem. Porém, o que parece ser uma revolução acaba por se mostrar uma *restituição*: ligar o homem à linhagem biológica não representaria uma humilhação ou descentramento, pelo contrário, seria lhe propiciar um solo mais seguro, centrando-o sobre 'o vivo'.